

# O que significa ESTAR VIVO

EXPLORAÇÕES PSICANALÍTICAS



Thomas H. Ogden

TRADUÇÃO E PREFÁCIO  
Lucas Krüger e Marília Santos Krüger

ARTES & ECOS  Porto Alegre • Artes & Ecos, 2026

Copyright © 2026 by Artes & Ecos para a edição em língua portuguesa

*Authorised translation from the English language edition published by Routledge, a member of the Taylor & Francis Group.*

Tradução da edição inglesa autorizada pela Routledge.

TÍTULO ORIGINAL: *What Alive Means: Psychoanalytic Explorations*

Permitida sua tradução e publicação. Todos os direitos reservados.

**EDITOR** Lucas Krüger

**TRADUÇÃO E REVISÃO TÉCNICA** Lucas Krüger e Marília Santos Krüger

**PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO** Luísa Zardo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

O34s

Ogden, Thomas H.

O que significa estar vivo: explorações psicanalíticas /  
Thomas H. Ogden. – Porto Alegre: Artes & Ecos, 2026.

192 p.; 14 X 21 cm

ISBN 978-65-87457-49-9

1. Psicanálise.

---

CDU 150.195

Catalogação na publicação elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos

— CRB-8/9166

**ARTES & ECOS** 

---

Artes & Ecos

contato@arteseecos.com.br

www.arteseecos.com.br

# SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO</b> – Os começos <i>por Lucas Krüger e Marília Santos Krüger</i>	<b>9</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>15</b>
<b>1</b> A psicanálise ontológica na prática clínica	<b>17</b>
<b>2</b> O que significa estar vivo: sobre “Objetos transicionais e fenômenos transicionais” de Winnicott	<b>39</b>
<b>3</b> Repensando o conceito de inconsciente	<b>73</b>
<b>4</b> Repensando o conceito de tempo analítico	<b>87</b>
<b>5</b> Devolvendo o que o paciente traz: sobre “O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil”, de Winnicott	<b>95</b>
<b>6</b> Como o ventre de um pássaro a respirar: sobre “A mente e sua relação com o psique-soma”, de Winnicott	<b>115</b>
<b>7</b> Transformações nos primórdios da linguagem verbal	<b>141</b>
<b>8</b> Descobrimo uma vida pessoal: sobre “A capacidade de estar só” de Winnicott	<b>155</b>
<b>9</b> Uma carta a um jovem escritor	<b>175</b>
<b>AGRADECIMENTOS</b>	<b>189</b>

# PREFÁCIO – Os começos

Lucas Krüger e Marília Santos Krüger

Ao ler *O que significa estar vivo*, o leitor perceberá que a escuta e a teorização de Ogden estão direcionadas aos começos: os primeiros encontros analíticos, os primeiros gestos do bebê em direção ao mundo, as primeiras palavras que uma criança pronuncia.

Esses momentos inaugurais concentram, ao longo de todo o livro, o essencial do que ele quer problematizar: o que significa estar vivo? Ogden está em busca, inclusive nos capítulos em que se dedica a Winnicott, do instante em que algo começa a existir. Os inícios não são um tema: são a condição de possibilidade do que se desdobra, do vir a ser. Talvez por isso o livro se organize como uma série de recomeços: cada capítulo retorna à pergunta inicial por um ângulo distinto, como se o próprio movimento do pensamento analítico fosse inseparável da experiência de começar de novo.

Como é nítido, em outras de suas obras — tais como *Reverie e interpretação: captando algo humano* —,<sup>1</sup> não esquecer o lado “humano” da prática psicanalítica seria condição para que a técnica permaneça viva e não se transforme em um procedimento rígido. Em *O que significa estar vivo*, a obra de Winnicott é constantemente evocada, mas Ogden não deixa de mencionar Ferenczi — pensador que, muito antes, já havia chamado a atenção para os riscos de uma prática

---

1 OGDEN, Thomas. *Reverie e interpretação: captando algo humano*. São Paulo: Escuta, 2013.

analítica excessivamente distanciada da experiência viva do encontro analítico.

O “humano”, em psicanálise, funciona como um princípio ético-clínico. Trata-se, aqui, de afirmar uma psicanálise que jamais nega o inconsciente — como toda psicanálise —, mas que também não admite perder-se em construções teóricas ou em modalidades de intervenção que venham a se desligar da dimensão humana da experiência clínica. A crítica à frieza do analista não implicado no sofrimento do paciente já havia sido formulada por Ferenczi, que via nesse distanciamento um problema recorrente na prática de muitos analistas.<sup>2</sup> Ogden, a seu modo, retoma essa preocupação, reolocando no centro da reflexão a experiência viva do encontro analítico e os modos pelos quais o analista participa dele.<sup>3</sup>

Estamos aqui falando de *começos estruturantes potenciais*, como preferimos chamar; o que é o contrário da ideia de um começo alienante — para evocar Lacan, tal qual Ogden faz em alguns momentos. Os começos dependem da relação com o outro, e esse “outro” de que falamos aqui é aquele que auxilia no desenvolvimento potencial singular de cada um — jamais o que aliena e restringe o outro a desenvolver-se de modo “falso” (Winnicott), como a única tentativa de sobrevivência de si.

Assim, relacionamo-nos com a obra de Ogden como em uma espécie de *conversa potencial* com a nossa prática clínica, *a selecionar os objetos teórico-clínicos* que possuem maior potencial para estarem em nosso *self-analista*. Prosseguiremos apresentando um pouco do que Ogden discute em seu livro, atravessados por essa consigna.

2 Para maior aprofundamento, ler o texto “A elasticidade do psiquismo do analista e o tato na técnica psicanalítica”, autoria de Lucas Krüger e presente em: FERENCZI, S. *A elasticidade da técnica psicanalítica*. Ferenczi – traduções do original (Série dirigida por Lucas Krüger). Porto Alegre: Artes & Ecos, 2025.

3 Para maior aprofundamento, ler o texto “Thomas Ogden e a privacidade no divã”, autoria de Lucas Krüger e presente em KRÜGER, L. *Por que o divã? Perspectivas de escuta e a poética da psicanálise*. São Paulo: Blucher/Artes & Ecos, 2023.

\* \* \*

*O que significa estar vivo* é um livro que se organiza em torno de uma pergunta que não encontra resposta direta e que, justamente por isso, pode ser feita de novo a cada capítulo. Ogden não define o que é estar vivo<sup>4</sup> — seria muita prepotência fazê-lo. Ele circunda essa experiência por ângulos distintos, a partir de ensaios que se complementam. Inclusive, é importante comentar que este livro é uma compilação de ensaios e, por conta disso, de fato, vemos Ogden repetindo com frequência alguma argumentação. No entanto, fica evidente que essa “repetição” não é apenas por ser uma compilação: arriscaríamos pensar que é o próprio processo de solidificar os inícios. Ogden aborda os inícios incessantemente por todo e qualquer ângulo que consegue, da mesma maneira que um bebê perlabora toda a sua gama vivencial. Nos referimos, aqui, à repetição do primevo como aquilo que cria as marcas mnêmicas estruturantes do psiquismo (para falarmos em termos mais próximos dos de Freud).

Nesse caminho, Ogden problematiza a prática psicanalítica entre suas dimensões epistemológicas (saber e compreender) e ontológicas (ser e tornar-se), nas quais, sem se esquecer da primeira, lança-se a trabalhar teoricamente a partir da segunda. Os conteúdos clínicos, se podemos resumir de alguma maneira, concentram-se no reconhecimento: na experiência de que o paciente foi verdadeiramente visto e encontrado. Assim, é possível dizer que Ogden nos provoca a pensar o que, afinal, *faz* uma análise.

Pode-se dizer, também, que o livro inteiro é um diálogo com Winnicott. Ogden revisita muitas passagens de

---

4 Ogden já vem debatendo a questão do sentir-se vivo (ou não) em outras produções suas, dentre elas o capítulo “Trabalhando com a contratransferência: relembando o corpo”, presente no livro *Contratransferência: teoria e prática clínica* (Artmed, 2006), organizado por Jacó Zaslavsky e Manuel José Pires dos Santos — obra da qual Marília Santos Krüger também participa.

Winnicott, com destaque para o ensaio clássico sobre objetos e fenômenos transicionais, que é muitas vezes retomado — procurando relê-lo “de dentro”, tateando o que, para Ogden, estaria apenas sugerido.

Durante esse trajeto ontológico, Ogden preferiu não se esquivar de polêmicas, ao afirmar “que o inconsciente não é uma entidade, um reino ou um lugar”, mas “apenas” uma *qualidade* do pensamento e da experiência. Sem negar o valor operacional do conceito de inconsciente, Ogden gostaria que o habitássemos de outra forma. E assim segue pensando sobre a transferência, o tempo sincrônico e o diacrônico, aquilo que é de outro tempo, mas vive intensamente nos dias de hoje.

Paradoxo e primórdios da linguagem e do simbolismo recebem espaço dedicado em alguns artigos, mas, mesmo implicitamente, podemos dizer que permeiam o livro inteiro. Há passagens bonitas no livro, como quando Ogden diz:

Aqui, me distancio de Winnicott, pois com meus próprios filhos, quando eram bebês, experienciei estados psíquicos que me foram suscitados e que pareciam comunicações bastante específicas do bebê acerca de seu próprio estado psíquico. (James Grotstein me disse que o inglês era sua segunda língua. Fiquei atônito, porque o conhecia havia 25 anos e nunca suspeitara disso. Perguntei qual era sua primeira língua. Ele respondeu: “Linguagem de bebê.”).

Um brilhante paradoxo: Ogden se distancia de Winnicott se “comportando” como Winnicott ao ressaltar a “linguagem de bebê” (no Brasil, aquilo que, muitas vezes, é chamado de “manhês”) como algo essencialmente estrutural.

Ao ir se aproximando do final do livro, Ogden se dedica à temática da capacidade de estar só e, após essa conversa com o conceito winnicottiano, acaba por voltar ao paradoxo. Em seu texto final, Ogden afirma não expor seus escritos aos pares antes de publicá-los, refinando-os ao máximo antes de entregá-los, e acaba por se mostrar em sua crueza — sem a lapidação que o texto profere. Eis o paradoxo do ser, não ape-

nas em explicação (como critica Ogden no primeiro capítulo), mas em experiência viva. Interpretação e gesto/ato nem sempre são correlatos, poderia nos responder Freud.

Boa leitura.

**Marília Santos Krüger e Lucas Krüger<sup>5</sup>**

---

5 **Lucas Krüger** é psicanalista, membro do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi (GBPSF) e membro efetivo da Sigmund Freud Associação Psicanalítica. É autor do livro *Por que o divã? Perspectivas de escuta e a poética da psicanálise* (2023), publicado em língua inglesa pela editora Routledge (London/New York, 2026), organizador do livro *Interlocuções na fronteira entre psicanálise e arte* (2017), autor dos livros de poesia *O Sonho da vírgula* (2015) e *Homenagem à nuvem* (2017), e do infantil *A careca do galo* (2018). Realizou produções musicais diversas e participou, como tradutor, das publicações de *Poemas Árticos* (2018), do poeta chileno Vicente Huidobro, *Sonhos, melodias e sintomas* (2019), de Sándor Ferenczi e *Sonho e mito: um estudo sobre a psicologia dos povos* (2020), de Karl Abraham. É diretor da Série Ferenczi – Traduções do Original e diretor da Série Escrita Psicanalítica, que, dentre ensaios psicanalíticos contemporâneos, conta com traduções do alemão de Sándor Ferenczi, Karl Abraham, Lou-Andreas Salomé, Sabina Spielrein, Otto Gross, Ernst Simmel e Margarete Hilferding. Também é fundador e editor da Artes & Ecos, editora especializada na publicação de poesia e ensaios de arte e psicanálise.

**Marília Santos Krüger** é psicóloga-psicanalista e escritora. É Membro do Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA) e Mestre em Estudos de Observação Psicanalítica (Tavistock Clinic/University of East London). É autora de “Amanhã seremos outros” que, em 2022, recebeu o prêmio de melhor livro de narrativa curta pela Associação Gaúcha de Escritores (Ages) e foi indicado ao prêmio da Academia Rio-grandense de Letras (ARL) no mesmo ano. Marília é Membro do Centro de Estudos Atendimento e Pesquisa da Infância e Adolescência (Ceapia), no qual foi Diretora Científica nos anos de 2018 e 2019.



# INTRODUÇÃO

Donald Winnicott e Wilfred Bion, nas décadas de 1950, 1960 e 1970, iniciaram uma mudança revolucionária na teoria e na prática da psicanálise. Essa revolução envolveu uma transformação da psicanálise, que, até então, era uma disciplina dedicada a facilitar a mudança psíquica por meio do desenvolvimento da autocompreensão. Nas mãos de Winnicott e Bion, a psicanálise foi transformada em um processo no qual as experiências na análise, criadas conjuntamente pelo paciente e pelo analista, enriquecem a capacidade de o paciente experimentar a si mesmo como vivo e real.

Essa mudança de ênfase do compreender para o experimentar não envolve uma rejeição do valor da autocompreensão; ao contrário, a autocompreensão se torna um agente poderoso de mudança psíquica quando nasce da experiência do paciente de viver com o analista algo daquilo que o paciente não foi capaz de viver anteriormente. A mudança psíquica que ocorre quando o paciente reivindica a vida não vivida tem, como elemento central, o sentimento de ser reconhecido por quem ele é e por quem está se tornando.

O paciente experimenta a vida não vivida não sob a forma de conflito inconsciente, impulsos ou fantasias reprimidas, mas como uma sensação de vazio e futilidade, uma sensação de não estar presente na própria vida. Penso essa mudança de equilíbrio, da compreensão para a experiência, como uma mudança de ênfase do saber e compreender (a dimensão epistemológica da psicanálise) para o ser e o tornar-se (a dimensão ontológica da psicanálise). No capítulo inicial

## **2 O que significa estar vivo: sobre “Objetos transicionais e fenômenos transicionais” de Winnicott**

Winnicott (1971a) assume uma tarefa muito difícil em “Objetos transicionais e fenômenos transicionais”: a de descrever as origens do sentimento de estar vivo, um estado de ser que Winnicott acredita ter suas raízes no início da vida do bebê e que continua por toda a vida do indivíduo. Esse estado de ser, a experiência de se sentir vivo, foi um assunto negligenciado na psicanálise antes da publicação desse artigo. Setenta anos após sua primeira apresentação, esse texto permanece como um dos mais importantes da literatura analítica.

Oferecerei uma leitura de “Objetos transicionais e fenômenos transicionais”, de Winnicott (1971a), em três partes: a primeira concentra-se na teoria; a segunda, no novo material clínico que Winnicott acrescenta à versão final de seu artigo (1971a); e a terceira parte deste capítulo é dedicada à discussão de um fragmento de uma análise que conduzi, na qual uma alteração radical do enquadre analítico desempenhou um papel importante para que o paciente começasse a experimentar seus sentimentos como reais.

## 3 Repensando o conceito de inconsciente

Nos últimos anos, minha atenção tem se direcionado para ideias fundamentais subjacentes à forma como penso analiticamente. Assim, passei a repensar os conceitos de mente inconsciente e de tempo no *setting* analítico. Ofereço um conjunto de pensamentos especulativos como uma abordagem pessoal para reconsiderar esses dois conceitos psicanalíticos. Esse texto não tem a intenção de convencer, mas de convidar a uma resposta imaginativa.

### O conceito de inconsciente

Pode parecer herético para um psicanalista dizer que não existe uma entidade tal qual o inconsciente. Afinal, Freud, e quase todos os psicanalistas, passados e presentes, argumentariam que o conceito de inconsciente de Freud é o que define a psicanálise. Eu concordo com essa ideia. Ainda assim, sustento que não existe tal entidade chamada inconsciente. Isso, a princípio, pode ser difícil de aceitar, particularmente para psicanalistas que fizeram uso da ideia em cada canto de nosso pensamento pela maior parte de nossas vidas. O leitor pode perguntar: “Como o inconsciente poderia ser apenas uma ideia se ele proporcionou tanta clareza de pensamento?” O leitor também poderia objetar à ideia de que não existe tal coisa como o inconsciente dizendo que o inconsciente pode não ser uma coisa, mas certamente é

## 4 Repensando o conceito de tempo analítico

Concebo a existência de dois tipos inseparáveis de experiências de tempo, que se encontram em uma relação dinâmica entre si. Um tipo de experiência de tempo é o “tempo diacrônico” (do grego, “através” e “tempo”): “tempo de relógio” ou “tempo de calendário”; o outro é o “tempo sincrônico” (do grego, “juntos” e “tempo”): “tempo de sonho”. O tempo diacrônico é sequencial e está intimamente associado à lógica de causa e efeito. Uma experiência sucede a outra. Está-se utilizando uma experiência diacrônica de tempo quando alguém diz: “O supervisor fez com que J se sentisse envergonhada.” Um evento decorre de outro; um período da vida sucede a outro. O tempo diacrônico é uma experiência na qual há separação entre dentro e fora, entre eu e o outro. Nele, o interno e o externo estão em uma relação de influência mútua; por exemplo, a paciente se sentiu exposta devido ao fato de o analista ter terminado a sessão de uma forma que lhe pareceu abrupta, embora ela sentisse que poderia estar exagerando. Paciente e analista trabalham predominantemente em uma experiência diacrônica de tempo quando o analista termina a sessão na hora ou quando o analista informa o paciente sobre as datas de férias futuras. A paciente, também, se engaja em uma experiência diacrônica de tempo quando ele entende a experiência atual em termos da experiência infantil, quando chega “na hora” para suas sessões, ou quando deixa a sala de atendimento ao fim de uma sessão sem prolongar a conversa com o analista; e assim por diante.

## 5 Devolvendo o que o paciente traz: sobre “O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil”, de Winnicott

“O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil”, de Winnicott (1967), é, a meu ver, uma de suas contribuições mais importantes no que diz respeito à formação da experiência do *self*. Nele, Winnicott apresenta sua compreensão do vir a ser do bebê conforme ele se vê refletido nos olhos da mãe.

### O que a mãe vê ali

Winnicott inicia o escrito: “No desenvolvimento emocional individual, o precursor do espelho é o rosto da mãe” (p. 111, *itálicos no original*). Ele dedicará o restante do texto a desenvolver essa ideia.

Winnicott enuncia para si mesmo e para o leitor o quadro de seu pensamento concernente ao desenvolvimento inicial:

A afirmação simplificada é: nos estágios iniciais do desenvolvimento emocional do bebê humano, uma parte vital é desempenhada pelo ambiente, que de fato ainda não

## 6 Como o ventre de um pássaro a respirar: sobre “A mente e sua relação com o psique-soma”, de Winnicott

O artigo de Winnicott (1949) “A mente e sua relação com o psique-soma” é um texto muito difícil sobre o qual adiei escrever por mais de 20 anos. Somente agora, quando sinto ter algum sentido da multiplicidade de significados de psique e soma, mente e corpo, *self* imaginativo e corpo vivo, é que ofereço uma leitura desse artigo. Os significados desses pares de palavras no artigo de Winnicott escorregam e deslizam uns nos outros, frequentemente deixando para o leitor a tarefa de fazer distinções entre eles. Parece que Winnicott pensava o que escrevia (em oposição a escrever o que pensava) quando compôs esse texto e não chegou a algumas de suas ideias em sua forma mais plenamente desenvolvida até o final do artigo. Para os padrões dos artigos de Winnicott, esse é longo e tortuoso, por isso frequentemente leva o leitor a sentir que perdeu o ponto principal do texto, que é, na verdade, um alvo em movimento.

Considero esse artigo uma das contribuições mais significativas de Winnicott. Aqui, ele se distingue tanto de Melanie Klein quanto de Freud, que concebem a psicanálise como primariamente epistemológica, isto é, relacionada ao vir a

## 7 Transformações nos primórdios da linguagem verbal

A transformação que ocorre no advento da linguagem simbolicamente verbal constitui um grande ponto de virada, tanto em termos do que se é capaz de experienciar quanto em termos da natureza da própria subjetividade, do próprio senso de eu, e de quem se sente ser.

A aquisição da linguagem simbolicamente verbal está na base da criação de uma subjetividade na qual o sujeito não simplesmente experiencia o que é, mas também tem ideias sobre o que está acontecendo e *sobre quem se é*.<sup>1</sup> No sonho, lidamos com apresentações não verbais, imagéticas, daquilo que é. Antes de se adquirir a simbolização verbal, não se pode tomar distância da experiência do sonho. O sonho é o que é. Não há um “eu” observando um “mim” na experiência; não há pensar sobre o próprio pensamento; não há autorreflexão; tudo o que há é o que é.

Ideações alucinatórias, paranoides e maníacas são de natureza pré-verbal. Tais pensamentos são experienciados como *percepções* de algo, não como *pensamentos* sobre algo. Não se pode pensar sobre a própria ideação alucinatória, paranoide ou maníaca; só se pode elaborá-la.

No que se segue, detalharei a natureza da experiência pré-verbal, as transformações que ocorrem com o nascimento da linguagem simbolicamente verbal e a natureza da experiência, uma vez que ela tenha sido alcançada.

## 8 Descobrimos uma vida pessoal: sobre “A capacidade de estar só” de Winnicott

Muitas, senão a maioria, das contribuições mais importantes de Winnicott para a psicanálise — por exemplo, os conceitos de objetos e fenômenos transicionais, a experiência de brincar, a experiência criativa em todas suas formas, o sentimento de ser real, o que significa estar vivo, o *self* central incomunicável, a capacidade de estar só, o espaço potencial, o uso de um objeto, e uma terceira área de experiência que está fora do âmbito do mundo interno e do mundo externo — envolvem o pensamento paradoxal. Essa forma de pensamento é talvez a contribuição mais importante de Winnicott para a psicanálise.

O artigo de 1958 de Winnicott, “A capacidade de estar só”, ocupa um lugar importante no desenvolvimento de seu pensamento paradoxal.<sup>1</sup> Esse artigo contém o primeiro uso do termo *paradoxo* em uma obra publicada por Winnicott. Mesmo em “Objetos transicionais e fenômenos transicionais” (1953), no qual Winnicott faz uso, pela primeira vez, do pensamento paradoxal, ele não emprega o termo *paradoxo*. Apenas na versão ampliada do artigo original sobre o “objeto transicional”, que ele publicou dezoito anos mais tarde (Winnicott, 1971a), Winnicott acrescenta o termo *paradoxo* à sua discussão dos objetos e fenômenos transicionais.



## 9 Uma carta a um jovem escritor

Caro Colega Escritor,

Em resposta à sua carta, posso lhe oferecer algumas reflexões sobre a escrita, com as quais você possa criar algo próprio. Faça isso com certa apreensão porque me preocupo que você tome o que digo como uma instrução sobre como você deveria escrever, e não como reflexões acerca da minha própria experiência de escrita.

O que tem sido mais importante para mim em meus esforços de escrita é o conhecimento de que não posso escrever como nenhuma outra pessoa, assim como ninguém pode escrever como eu. Tentar escrever como outra pessoa é destruir o que é único na minha própria experiência, meu jeito de falar, meu jeito de pensar, meu jeito de escrever, meu jeito de ser. Saber disso, com certeza, tem sido indispensável para mim como escritor.

Ser um escritor não é uma tarefa de meio período. Penso sobre escrever o tempo todo: ao tomar banho, ao dirigir para o trabalho, ao almoçar, ao esperar na fila do cinema, ao sentar-me em um avião, ao adormecer. Não há um momento, dia ou noite, em que eu não esteja de alguma forma pensando em escrever. Escrever não é o que eu faço, é quem eu sou. A primeira pergunta que Borges precisou de resposta, após sua dúzia de dias de coma séptico, foi: “Ainda sou capaz de escrever?” Pois ser um escritor era quem Borges era. Em sua tentativa de provar a si mesmo que ainda era capaz de



[www.arteseecos.com.br](http://www.arteseecos.com.br)

Este livro foi composto em ARNHEM em MARÇO de 2026.